

Parnaíba, 4 de novembro de 1981.

Prezado dr. Edgardo:

Acuso o recebimento, ontem à tarde, de suas três cartas datadas de 28 de outubro próximo passado, acompanhadas de um esquema sobre a genealogia da família Pires Ferreira do Piauí. Li com atenção, várias vezes, seus escritos, ficando realmente entusiasmado com seu trabalho, e, naturalmente seu digno e querido avô Fernando Pires Ferreira Filho, que lhe deixou um acervo valioso de pesquisas, fruto de pacientes exames de documentos e informações colhidas em entrevistas com pessoas da família durante 50 anos.

O Carlos Carvalho escreveu-me um cartão postal de São Lourenço, no qual me comunicou já haver conversado com o senhor pelo telefone e que ao regressar a Parnaíba na segunda quinzena deste mês, dar-me-à a conhecer o assunto da conversa que manteve com o senhor.

A carta que lhe dirigi foi escrita ao correr da máquina e certamente percebeu, como bom pesquisador que o sr. é, que quase tudo foi ditado pela memória, muito sujeita a lapsos. Fui bom aluno de história geral e do Brasil no curso ginásial, realizado todo em Teresina, até o 3º ano no Colégio Diocesano, e os dois últimos no Liceu Piauíense. Penso que a história regional me atraíu devido as obras de Gilberto Freyre. Nasci em Fortaleza e as famílias de meus pais são cearenses, mas me me criei e fui educado em Teresina. Meus pais deixaram o Ceará com destino ao Maranhão, fixando-se inicialmente, por pouco tempo, na vizinha cidade de Barão de Grajaú, fronteira a Floriano, e nesta última demoraram cerca de dois anos, transferindo-se depois para a capital piauíense. Depois de formado, voltei ao Piauí em 1940, fixando-me em Parnaíba, onde meus pais já estavam morando, e aqui me casei, vivendo de advocacia, sem funções públicas. Nas horas vagas é que faço pesquisas e leio obras sobre história. Atualmente estou aposentado, embora ainda prestando serviços forenses, porque a inflação da nossa moeda a isto me obriga. Mesmo assim, disponho de mais tempo para realizar pesquisas. Infelizmente as fontes primárias onde se poderia colher com mais segurança subsídios para qualquer trabalho de história regional, como os arquivos das igrejas e públicos, foram quase inteiramente destruídos pelas traças e cupins, inclusive em Parnaíba. Encontra-se alguma coisa na Torre de Tombo e arquivos particulares de portugueses; no Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro; nos arquivos estaduais do Pará, Maranhão e Pernambuco, porque o Piauí, durante o regime colonial foi subordinado àquelas capitânicas. Os elementos que possuo em notas, foram obtidas em obras de historiadores adquiridas por mim ou em consultas nas bibliotecas públicas. Entretanto, quero reafirmar-lhe que o sr. poderá dispor de minha modesta cooperação, pois a obra que projeta considero da maior importância.

Hoje mesmo localizei o cartório onde se processou o inventário dos bens deixados pelo falecimento do almirante Gervasio Pires de Sampaio, a fim deles extrair notas. Na minha viagem, há cerca de dez dias, a Buriti dos Lopes, conversei com dona Zeza Cruz Sampaio, viúva do almirante, mas nada obtive porque não momento não encontrou em casa nem a certidão de casamento, nem a certidão de óbito do marido.

Vão, em apenso, uma cópia integral do artigo do sr. Thucydides Barbosa e parte do artigo do sr. J. Coriolano de Carvalho intitulado "O último Carvalho de Almeida", o primeiro publicado no "Almanaque da Parnaíba", ed. 1954, e o segundo na edição de 1949 da dita publicação. É flagrante a contradição no que escreveram a respeito dos irmãos Pires Ferreira.

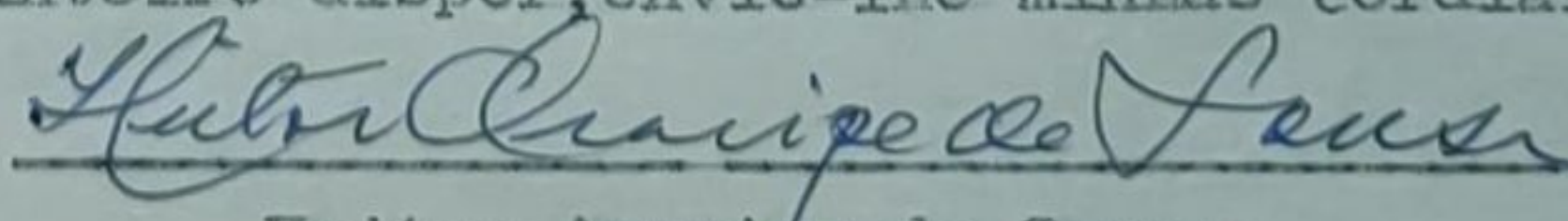
Até o momento não consegui examinar os autos do inventário do almirante Gervasio P. de Sampaio. O Wencesláu de Sampaio, como sempre assinava, era filho bastardo e depois reconhecido. Foi casado com dona Ninfa Castelo Branco de Sampaio, filha de Florindo Castelo Branco, porem não deixou descendentes. Ficando viúvo, não mais se casou. Ele foi prefeito de Buriti dos Lopes e deputado estadual em várias legislaturas, apos a extinção do Estado Novo.

O povoado Barra do Longá fica a 8 km. da cidade de Buriti dos Lopes e esta a 37 km de Parnaíba. Naquele povoado, muito pequeno, existe uma igreja, que parece de construção recente. Quando eu for novamente ao Buriti dos Lopes vou tentar obter algumas informações do seu interesse.

O J. Pires, editor de "O Popular" de Floriano tinha um filho, cujo nome esqueci, e parece-me que ele era maranhense, bem como o J. Pires de "O Imparcial", de São Luís. A respeito do dr. Pires Sexto, governador do Maranhão quando eclodiu a revolução de 1930, nada posso adiantar, mas vou tentar informações junto de pessoas amigas. O dr. Bernardo Borges Pires Leal, irmão de Joca Pires, foi nomeado Sub-Procurador Geral do Estado em 1928, quando este governava o Piauí, segundo diz o Prof. J. Arimatea Tito Filho, em "Sua Excelência o Egrégio", ed. 1978, pág. 84.

Com referência à família Pires Ferreira de Balsas, posso acrescentar que duas pessoas amigas aqui residentes conheceram Alvaro, pai do médico dr. Luiz Gonzaga Pires, atual Secretario da Educação no Piauí, Alexandre, Augusto, Antonio, Merval e Pedro, como comerciantes naquela cidade. O sr. Cícero Neiva Moreira, juiz aposentado de Tribunal de Contas Contas do Maranhão, morava até bem pouco na rua dos Afogados, em São Luís, e sempre que eu ia àquela capital, fazia uma visita a ele. Há muito tempo não tenho noticias desse velho amigo de meu pai. É tio do Neiva Moreira. A mãe deste, dona Mariinha, foi colega de minha mãe na Escola Normal de Fortaleza. Alice Pires de Sampaio, esposa do dr. Eloy Portela Nunes, tio do atual governador, tambem era filha bastarda do almirante, e igualmente reconhecida pelo Almirante. Dona Zezita Cruz Sampaio me disse que se casou com o almirante em 1933.

Logo que consiga outras informações voltarei a escrever ao sr. Sempre ao seu inteiro dispor, envio-lhe minhas cordiais saudações.



Heitor Araripe de Sousa